



## MITOS E MÍDIAS: EPISTEMOLOGIAS, (IN)VISIBILIDADES, CAMINHOS DE INTERSEÇÕES, LIBERTANDO SENTIDOS EDUCACIONAIS

Adma C. S. OLIVEIRA (UFMT/UEMS)<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Luiz Augusto PASSOS (UFMT/Orientador)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é refletir sobre os contextos sociais, políticos e ancestrais imbuídos na crença do mito, problematizando a contemporaneidade por meio da descrição, do papel da mídia como libertadora ou aprisionadora da consciência humana. Nesse sentido, aproxima-se criticamente o diálogo educacional, colaborando com os valores humanitários e ecológicos, em vias da desconstrução do preconceito étnico e das diferenças humanas. A proposta epistemológica de comparar os saberes do mito e do conhecimento científico, ressignificando valores históricos e práxis educacionais. O conhecimento da mídia fílmica e musical oculta-se pela invisibilidade de uma proposta curricular diferenciada, provocando interseções humanas, plurais, singularidades, próprias do viver cultural dos *abya yala* (indígenas) e dos afrodescendentes. Ao ressignificar valores humanitários por meio do mito, da poesia e do filme, pretende-se despertar para as realidades de exclusão em relação ao exercício da cidadania, retomando valores éticos. A demonstração crítica de enxergar outros caminhos para a des(construção) da ciência, aprendendo o olhar de alteridade diante das diversidades/desigualdades sociais e educacionais. Neste sentido o trabalho fundamenta-se no olhar fenomenológico, pois teoria/ metodologia tem sentido no sagrado: “O sagrado é um tempo de criação e emergência. Enredado nos espaços e tempos do se fazer humano. Não haverá espaços e tempos fechados, terminais”. (Passos, 2010).

**PALAVRAS CHAVES:** Circularidades. Saberes. Fenomenologia.

### Guizos introdutórios

Na modernidade, o tempo é regido pela ordem do consumo, a narrativa da ciência é única verdade possível, bloqueando a capacidade de escutar o mito, de aproximar outras realidades, pois vivemos na objetividade das coisas, nas categorizações. De acordo com Said (2007), teórico dos diálogos culturais, “o oriente é uma invenção do ocidente”, nesta lógica podemos entender a importância, necessidade, existência da ideologia *freireana*, saber/conhecimento, no eixo

<sup>1</sup> Pós-Graduanda do PPGE da UFMT e Docente UEMS [citraadma@hotmail.com](mailto:citraadma@hotmail.com)

<sup>2</sup> Docente UFMT [passospassos@gmail.com](mailto:passospassos@gmail.com)

suleador<sup>3</sup>, conceito este reiterado por Souza (2006), ressignificando outros olhares epistemológicos/axiológicos.

No caso do nosso trabalho, *práxis*, presente no universo cosmogônico, das culturas nativas, indígenas (*abya yala*) e afrodescendentes, foram esquecidas, ignoradas por séculos diante da visão eurocêntrica. Estes conhecimentos precisam ser desvelados, neste sentido, o trabalho metodológico de reconhecimento dos mitos, exige suspender as antigas amarras ideológicas tradicionais, em relação a aprendizagem de um outro exercício epistemológico, por meio da descrição, da ação e reação, princípio do fenômeno natural da vida.

Suspender esse sentido significa perceber saberes a partir da intuição do mito, colocar-se/ no repouso da reflexão, da meditação, desprovidos dos conhecimentos certivos, conclusivos, interpretando o mito pelo mito, no sentido maior da vida, na lógica dos povos originários, passando a indagar as metáforas subjetivas presentes nele. Neste caminhar educacional existem infinitudes de saberes a serem perseguidos, mas na maioria das vezes o mito nos conta algo que aconteceu ou vai acontecer, desde a premonição/revelação já contém conhecimento da ciência presente, é o caso do documento conhecido como *código de Ísaías*<sup>4</sup>.

A intenção de comparar/comprovar os saberes do mito/conhecimento científico entre mundo mítico e o mundo cartesiano, permite-nos ter um olhar fundante merleauPontyano, argumentado pela voz de Passos (2010, p. 45) “O mundo só era natural no período precedente à nossa entrada nele. A partir daí temos a inauguração de uma confusão – assim chamada por Merleau-Ponty entre o eu, o outro, mundo com certa reversibilidade inclusiva.” Considerando estes indicadores em um tempo/espço sensitivo, percebemos que o ponto de partida é a teoria fenomenológica hermenêutica, que fundamenta um trabalho teórico da descrição e tem sentido pelo olhar das diferentes culturas.

Esta linha teórica pode descrever e contemplar as várias áreas de conhecimento, podendo ser trabalhada quase sempre com um olhar etnográfico, cada

---

<sup>3</sup> *Sulear* terminologia cunhada por Paulo Freire, representa o olhar que nos cerca, sob/sobre a perspectiva do sul, na obra: *Pedagogia da Esperança* (1994, p.218 e 219), este termo *sulear* é “entendida como metáfora do sofrimento humano causada pela modernidade capitalista” Dicionário Paulo Freire (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2008, p.396). O teórico Boaventura de Souza na obra, endossa o termo na obra: *Epistemologia do Sul*. (2006, p. 32).

<sup>4</sup> Recém descoberta do século passado evidencia um lugar de concentração de pura energia, onde todas as coisas tem início, o pesquisador Gregg Bradem evidencia que existe realmente esta “Matriz Divina” é a origem das estrelas, das rochas, do DNA e de tudo que existe, provado pela física quântica. ref. [www.semprequestione.com](http://www.semprequestione.com)

uma com suas especificidades, com sua dinâmica metodológica, ou mesmo com o sentido do método fenomenológico. No sentido mitológico, o método auxilia desvelar saberes das estrelas, astros, exige em nossa visão linear de ciência, estudo profundo complexo mas, antes de tudo, intuição/sensitiva de ler a natureza pelos olhos da criação, daquilo que já estava aqui, para seguir a 'dita evolução', a espera de pessoas pensantes incomodadas pelas respostas do senso comum.

Estas desvelam infinitos que sempre estiveram aqui, incomodadas querem ir além... além da possibilidade só cartesiana, enxergar o outro *lado da moeda*, uma moeda que não serve só ao capital e sim a vida que gera vida, necessitando dos dois lados da moeda.

### **Caminhando por reflexões mitológicas**

O mito é vida, construída por extensão, verdade dialógica entre homem/natureza/existência, como todo segredo, desconhecido mistério tem que ser lido ou dialogado com a natureza. A criação dos povos tradicionais indígenas e africanos de ensinar e aprender por meio da intuição e sensibilidade humanitária, energia pura, com capacidade de construir e condensar o conteúdo profundo sem perder a intenção de valorização a vida. Explica-se o sentido da vida pela leitura, interpretação própria, nos conduz a dimensões educacionais teórica-metodológica-pedagógica que se complementam, tomam corpus de unicidade. Existe um sentido do viver humano carnal, em que os saberes são unificados e extensionados por energias que geram a força vital.

O interessante que os povos originários indígenas e as culturas afrodescendentes preservaram saberes pela metodologia mitológica da oralidade, chave cíclica de vidência do mito, retrata e representa fatos da astronomia mítica hierofânica, ensinada na oralidade e comprovada cientificamente. Esta trabalha com conceitos e representações da natureza, divindades significativas para cada etnia. Nesta representação da criação as marcas míticas são transmitidas pela oralidade ligadas à tradição e à origem do homem e do mundo.

O mito é manifestação, é a sustentação cultural da narrativa, da oralidade, é origem da sociedade e se compõe como base explicativa da criação do mundo (ELÍADE, 2008). Podemos entender culturalmente que as matrizes africanas/ indígenas possuem saberes tradicionais por seu lócus de origem, portanto, nossa

proposta permeia a história, plural e singular, a partir da mídia cinematográfica e musical, no sentido único que cada cultura tem, pois aclama o sujeito perceptivo, histórico, midiático, podendo ter uma proposta curricular, mais reflexiva e humanitária.

As instituições vivem politicamente um cenário sombrio, pois o processo democrático é ameaçado pelo ódio disseminado, muitas vezes já consolidado, funda-se/confunde-se, a criticidade por soluções rápidas para problemáticas antigas. Um exemplo é a *corrupção*, prática cultural a ser (des)construída lentamente, em um processo longo a ser trabalhado no âmbito educacional, pelo fazer da sociedade, pela formação da consciência, personalidade. O sentimento do ódio alimentado pela imaturidade política, própria de quem desvaloriza a memória ancestral, nesse cenário emerge a ignorância extremista, que apresenta a aversão pela diversidade humanitária, acirrando ainda mais as desigualdades sociais, sobrepondo o autoritarismo, gerando o óbito da democracia.

Neste sentido, a insensibilidade humana do ouvir o outro, significa falácia, recai na incosequência da violência, da hostilidade verbal, emocional, por vezes físicas. O espaço educacional precisa /deve e pode entender a desconstrução deste ouvir, pela possibilidade didática do diálogo, do argumento includente de/do “ser” e de estar na diferença da vida.

As outras instituições são espaços políticos, mas a escola também o é, ela pode promover o exercício democrático, do tempo desalinhado, ou seja podemos viver situações presentes sob experiências passadas, afinal tempo/espaço tem sentido, significado único, depende do grau de importância que damos a ele, da dimensão problemática a ser questionada. Por isso trazemos os espaços sagrados apresentados pelas dimensões fílmica e musical, dimensões hierofânicas, representadas pela percepção midiática. As dimensões dialogam no sentido dos laços afetivos construídos a partir do espaço/tempo, ambas ocupadas por um fazer diário, pois ao viverem em um determinado lugar as pessoas constroem relações de pertencimento intelectual, político, afetivo e espiritual no que diz respeito ao ambiente vivido, reafirmando a visão de topofilia (TUAN, 1980).

Neste aspecto normal de pertencimento psicológico, estrutural do comportamento humano, constrói-se o princípio do conhecimento/saberes, influenciam a construção do imaginário, a postura da humanidade contemporânea, dos preconceitos transmitidos pelo senso comum, criando uma celeuma sectária dualista cultural. Precisamos encontrar intercessões, possibilidades de entendimento

do panorama cultural e histórico das vivências ocidentais, e dos saberes das sociedades tradicionais. Há necessidade deste diálogo epistemológico auxiliando na desconstrução da segregação educacional, social, pois o cosmo pertence a dimensão ancestral de paz interior. Existe maturidade espiritual que traz equilíbrio emocional, físico, com a capacidade de propagação aos viventes desta paz, existente na infinitude do universo.

No sentido cultural dos mitos, textualidades, musicalidade, mídias, de fazeres, dizeres e registros no universo afro-brasileiro e indígena, entendemos e respeitamos os conceitos e escolhas humanas, de fazeres/saberes a partir da teoria/metodologia fenomenológica merleaufreireana, própria do viver afro/indígena. É importante ressaltar a análise e atual conjuntura histórica, política atual, pois estas retiram nossos direitos, manipulando a ordem psíquica, mesmo porque o momento vivenciado possui impactos de exclusão dos direitos indígenas e das conquistas do movimento afrodescendente.

A longa colonialidade gera consequências desumanizadoras, prejudicando a sociedade civil como um todo, as populações vulneráveis, as culturas indígenas e afrodescendentes, estão à margem do direito social. A perspectiva contemporânea sobre o Estado democrático, nos alerta sobre a indução mercadológica, pois este tem o monopólio do consumo, controla o comportamento humano por meio da mídia, induz/conduz o pensamento, a consciência humana, por meio da ignorância, da desinformação política, das confusões ideológicas e da rapidez das informações que se amontoam/amedrontam/petrificam as ações.

Este poder maldito aprisiona, mas pode ser desdobrado a libertar o sujeito perceptivo, se a educação despertar o sentido da liberdade crítica do pensamento. Neste sentido, dialogamos e destacamos os estudos de Noam Chomsky (2013), em seu livro intitulado: *MÍDIA: Propaganda política e manipulação* (2013), elucidando dez referenciais de cooptação midiática, que prejudicam a formação crítica e autônoma de quem aprende ao mesmo tempo que ensina. Elencadas a seguir:

a) Escravização ideológica: é a distração da população, consiste em criar artifícios para desviar atenção, promover situações problemáticas de domínio político e econômico, não permitindo uma reflexão do conhecimento epistêmico profundo, comprometendo a criticidade científica, a economia, educação.

b) Estratégia de captura do pensamento: consiste em apresentar problemas, na perspectiva do senso comum e sempre oferecer a resolução dos mesmos, constrói-

se um terrorismo emocional de dependência nas pessoas, mantendo-as reféns e causando um impacto, um trauma imediato (Problema/reação/solução).

c) Estratégia de lavagem cerebral coercitiva: ocorre no inconsciente, pois a elite trabalha o imaginário humano, o psicológico, atuando de forma vagarosa no inconsciente, levando a consciência a óbito: “Detesto política!!”.

d) Domínio das massas pelos mídias: esse processo se dá pela insurgência. No contexto político/ econômico, de direitos humanos, o exemplo bem presente em nosso país é o golpe branco, armado para retirar a legitimidade da presidenta eleita. A mídia trabalha a hostilização da população aos povos indígenas, que lutam por suas terras nativas, induzindo-a a não reconhecer o direito de cidadania indígena.

e) A escravização do pensamento: refere-se à infantilização do público, por meio dos discursos do neoliberalismo nas mídias. Estas infantilizam o discurso, provocando a falta de criticidade, excluindo o conflito e a contradição, condição inerente da pessoa humana.

f) Dificuldade de reflexão: consiste na imaturidade, pois no processo de cooptação ocorre a impossibilidade de ver com profundidade sobre o que está acontecendo, refém da fragilidade e dependência emocional, pois é dependente e inseguro na resolução dos problemas, exemplo desta premissa, é o sentimento de terror, o medo de tomar decisões, preocupação excessiva com o que os outros vão pensar sobre sua manifestação.

g) Ignorância social: defende o paternalismo, a massa ignora os problemas e tem uma perspectiva medíocre diante da saúde, da educação e do direito de infraestrutura social. A dicotomia entre opressor e oprimido é anunciada por Freire, que percebe os mecanismos de escravização, pela manutenção da ignorância social, nesse sentido, o livro *Pedagogia do oprimido* (2001) contempla esta forma ideológica de discussão.

h) Manipulação ideológica da elite burguesa: induzir a população a ter contra valores, que menosprezam a ética, o respeito, a ciência. O discurso vigente é de que as coisas são antiquadas, o importante é valorizar as coisas sem fundo epistêmico.

i) Situações de culpabilidade e opressão: induz a crença nas pessoas de que estas são culpadas pelas mazelas, por sua falta de inteligência. Este processo desencadeia um quadro depressivo, petrificando ações, comprometendo futuros questionamentos analíticos, o que concede ao opressor a manutenção de sua

ideologia fascista, afinal, o sujeito não percebe que os problemas estão acima de sua vontade, que dependem de uma estrutura/infraestrutura e não de situações pontuais.

j) Dispositivo de manutenção ideológico: O sistema tem conhecimento de vários mecanismos que podem aprisionar as massas populares, o bombardeio de informações não garante formação. Uma estratégia é criar uma série de noções sobre um problema, uma espécie de teoria da conspiração, tornando a população massa de manobra do sistema. Radicalizar enquanto resistência não é solução, pois estamos lidando com forças que conhecem as estratégias da luta ideológica, não respeitando a diversidade do comportamento humano.

Neste sentido, resta aos vulneráveis afrodescendentes, indígenas descrever entender a psique, confrontar com aquilo que vivemos, dialogar consigo e com outros, ter clareza e profundidade das intenções, para ser crítico e reverter a situação de dependência, humanizando-as. Neste prolongamento epistemológico, a dimensão educacional, deve estar alerta constantemente, pois o bombardeio de informações digitais são permanentes, o que requer alerta, a descrição do fenômeno e suas prováveis intenções, a escola pode ser promotora cotidiana do exercício da liberdade.

### **Interseções humanas, políticas e midiáticas entre os Guarani, Kaiowá e Afrodescendentes**

A vida imanada tem ligações, quando estas se fazem pelo sentido de encontros e desencontros, podem inexplicavelmente criar laços, que são compreendidos pelo passar do tempo. Nesta trilha do aprender, por caminhos construídos pela sobrevivência do estudar/trabalhar, somos regidos pelo estar com o outro, errando, acertando em um fazer diário, sabemos que estar/ser na/da Educação é estar eminentemente na circularidade do aprender. Ter o privilégio, sabedoria de viver com diferentes olhares, possuir inquietação e expectativa, compreender que as perguntas, dúvidas, certezas, serão respondidas com incertezas construídas por diferentes experiências.

A denúncia feita por um documentário ou por um samba enredo ultrapassa o ritual do entretenimento, seus objetivos parecem simples, mecânicos, mas não são, têm sentidos singulares, constituídos pela força vital do valor humanitário das pessoas envolvidas. Sentidas, energizadas em um projeto de liberdade cultural, que de forma

naturalizada, media conflitos/entendimentos das diferenças e semelhanças no/do que se vive cotidianamente.

O processo de aprendizagem do fenômeno ocorre com o período espiral de preparação, sequenciação, condução, partilhamento, prazer, degustação, agradecimento com gosto não de despedida, mas de um até breve. Manifesto de circularidade do parteamto de todos os membros, que se olham na condição dos saberes, do desejo, em uma relação Paulo *Freireana*, ou melhor, *Merleaufreireana*. A escuta de um assistir silencioso de reflexão, de não alienação, de quem ensina/aprende como ação, de assistir, escutar e dançar um samba, propósito adormecido que desperta a infinita plenitude do viver.

Tudo que o ser humano precisa para ser humanizado/aprender está dentro dele mesmo, seu potencial, sua força vital, suas lembranças, basta ter sentido para despertar do sepulcro hermético do conhecimento, para que as relações criem pontes, a fim de se comunicarem. Está tudo lá, tempo, espaço, dores, cores, amores, sabores, afetos, carisma, empatias, cheiros, lembranças antepassadas com nexos e rastros no presente, entendendo e considerando as causas do futuro.

Retomar a presença do passado dentro de uma temporalidade, do continuar, tempo passado/presente confundem/interligam-se na naturalidade do mistério, possuindo o sentido da absoluta falta de lógica, pois tem outras razões, pertence a uma outra lógica, a outras dimensões temporais/espaciais.

O tempo é perene, não passa, sensibilidade dos sentidos, desperta lembranças adormecidas dos fatos, um passado vivo, no presente do agora, para quem tem saudade, viver o sentido do passado, em um outro contexto dialogando com a estética, performance voz, canto, lamento, dança, ritmo, chocalhos, tambores, odores sentidos na invisibilidade da visibilidade do filme e do samba enredo. Defino isso como amor no viver da simplicidade, relações pertinentes, entendo o sentido de situações não esquecidas e sim adormecidas, é possível reaver o que nunca foi perdido. Brandão (2014), sabiamente compreende o olhar cosmogônico, das realidades vividas e interligadas:

(...) Tudo o que há no universo cósmico está em ligação com o ser humano ou o ser humano está ligado ao cosmo? Esta condução interrogativa vem ao encontro da nossa pesquisa, pois o olhar a tudo que nos cerca conduzirá provavelmente a resposta e a outras perguntas da existência humana, somos seres infinitamente a busca de outras dimensões a outros desafios, "nós somos a geração que

deveria ousar a superar-se interiormente a si mesma” (BRANDÃO, 2014, p. 210).

A escuta revela como a monocultura do não índio prevalece e como ela é vista, as consequências e a desterritorização destes povos, segregados dos direitos civis, que enfrentam os conflitos das demarcações de terras no sul do estado, responsável pelo assassinato de várias lideranças indígenas que lutam pelo resgate de suas terras sagradas (Tekohá). Diante dos fatos históricos sociais, as nações indígenas encontraram uma forma proteger suas raízes, hábitos, costumes, por meio das lembranças reveladas, depositadas no sentido de vivência passada e presente para ressignificar suas identidades de acordo com Stuart Hall (2005).

A questão da identidade é apresentada no contexto do filme *Martírio* (2016), pois documenta e revisita a paisagem geográfica das terras sul-mato-grossenses, dos fenômenos encontrados por força histórica do documentário. O tempo da produção entre as primeiras filmagens e a edição/divulgação da película levou quinze anos. O exercício participativo de respeito a diversidade, por meio do diálogo, encaminha os saberes experienciais de memória ancestral, por meio do filme há construção de um outro olhar de conhecimento, nem melhor ou pior, simplesmente o olhar de um conhecimento diferente.

Esta obra enuncia a intuição, está presente num corpus de sintaxe e de semântica, temas ligados a: educação, currículo, artes, identidades, historicidade, memória ancestral, mitos. Ao abordar estas dimensões percebo a necessidade de outros conhecimentos epistemológicos, diferentes dos da ciência tradicional. Neste sentido, há inúmeras possibilidades quando trabalhamos na dimensão cinematográfica, pois enquanto episteme transita em diferentes espaços, provoca diferentes emoções, reações, rejeições. É o fazer da reflexão agindo na pessoa humana, desvelando a espiritualidade sentida na palavra *tekohá*, enquanto dimensão de componente curricular, midiática, oralizada. Esta foi despida, desqualificada de seu sentido mitológico da cosmologia. Os pesquisadores sul-mato-grossenses Eliel Benites e Antonio Dari Ramos (2017) afirmam:

(...) Os elementos do tekoha, na dimensão espiritual (os cantos, os donos das florestas etc.) e física/biológica (os seres vivos e não vivos) constitui o teko, o jeito de ser, e o jeito físico dos kaiowá e Guarani. A relação estabelecida com o seu território é tão profunda que a linguagem, o Ñe'ẽ, se origina do próprio tekoha. A língua deixada através do canto pelo Ñande Ryke'y é adaptada ao local onde se encontra o tekoha. Muitas linguagens, Ñe'ẽ ou ayvu, fazem parte de

um tekoha, mas apenas pequena parte delas é absorvida pelos kaiowá e Guarani para se comunicar com a natureza, o tekoha. Essas linguagens não são constituídas apenas pelo som ouvido através da sensibilidade da audição, mas também por outras sensibilidades, sinal da grande e profunda relação dos kaiowá e Guarani com o seu tekoha. O ayvu é o elemento de ligação com o mundo social, ambiental e espiritual em um tekoha. Através dele é que mantemos os valores, que repassamos continuamente a cosmologia Guarani e Kaiowá às novas gerações (...) (BENITES e RAMOS, 2017, p.34)

Embora os pesquisadores separem as duas dimensões, os elementos mitológicos e da ciência tradicional, estão interligados, energeticamente. Os autores apresentam as palavras na dualidade para explicar didaticamente o significado e compreensão de cada uma delas *Tekora*, *Ayvu*, *Ñande Ryke'y*, *Ñe'ẽ* ou *Ayvu*, mas o sentido pode variar de lugar a lugar, por exemplo, a palavra, *Ayvu*, pode ser barulho, ruído, *Ñe'ẽ* pode ser falar junto, discutir, dialogar. Estes conhecimentos/saberes estão presentes e obedecem caminhos de outras lógicas para o sentido da vida, uma ciência de universo movente, plena, evolutiva.

O filme mostra de forma didática a sequência e o dilema social experienciados pelos Guarani e Kaiowá, sensíveis ao choro das mães e parentes que perderam seus filhos, na luta pela terra. A câmara fecha quadros bem alocados com focos históricos, desvelando o estado de exclusão vivido por estas etnias, que se deslocam por rodovias e fazendas ocupadas pelo latifúndio, a procura de paz nas terras de seus antepassados.

A realidade nua e crua da negligência do poder público frente aos direitos humanos, pois em meio àquela confusão social, misturam-se crianças, adultos, mulheres, velhos, pintados por um pintaquá, todos sensíveis a um objeto, um clamor histórico, em que as vias legais sempre são citadas, pois as populações foram, ao longo do tempo, massacradas por um discurso que pretendia fazê-las acreditar que os indígenas estavam fadados ao fracasso, a legitimidade e ascensão passava por superar a ideologia imposta.

A divulgação e socialização do documentário sobre a história destas populações possibilitou o protagonismo indígena, uma vez que estas “pessoas” passam de “objeto” a “sujeito” na percepção de quem fala e ouve as narrativas de suas vidas, compreendem o processo de escravidão no qual estavam inseridos. O documentário dá visibilidade aos massacres não registrados, pois a mídia capitalista ignora o genocídio, dessa forma, a história brasileira continua sendo escrita com

sangue indígena, ele narra sobre estas nações/etnias que são compostas por pessoas sensitivas/perceptivas/intuitivas, emancipadas no pensar da liberdade.

O cinema colabora na recriação de formas para manter as historiografias pessoais, pertencentes a própria história, sendo um dos desafios da nova ordem social, os desdobramentos sincréticos de sobrevivência, as etnias resistem mantendo a identidade linguística pelo exercício do esconder, para não cair no esquecimento, influenciando a formação da nação brasileira em todos sentidos (ADORNO, 2000).

Estes povos resistem pela retomada do *Tekohá*, pois o deslocamento e encurralamento arbitrário do processo civilizatório, provocou a eles a condição sub-humana de sobrevivência, explorando seus recursos hídricos e ecológicos. O custo humano de servir aos interesses da ideologia mercadológica do não indígena, não poupou a liberdade e cultos ancestrais dos nativos da terra, os mesmos foram induzidos e obrigados a condição e conduta de escravizados aos modos de produção colonialista.

A inter-relação simbiótica de cooperação é constituída a partir dos elementos da natureza sensível. O pensador Maurice Merleau-Ponty não conheceu os Guarani, Kaiowá e Terena, mas seu pensamento ideológico contempla o entendimento deste viver, destas etnicidades corpóreas. Michel Certau (2010) induz a uma ontologia, que se relaciona com as ideias de Boaventura de Sousa Santos (2011), nas relações sociais, pois a história está suleada por uma *ecologia de saberes*, com um tempo relacionado a vozes com sentido da relação no espaço teofânico, que nos remete a um espaço sagrado, espaço energizado. Isto não é o realismo fantástico da literatura, mas uma realidade de mistério, própria dos sentidos de uma epistemologia do sul que redescobre saberes, ressignifica, criando e recriando outras formas de conhecimento. Existem circularidades, similaridades e energização, podemos observar na poética do samba enredo: *Meu Deus, Meu Deus, está extinta a escravidão?* (2018).

A experiência de intercorporeidade é uma das experiências originárias da ontologia, da 'formação' do Eu e do Outro, ou seja, só se pode compreender o humano histórico-ontológico enquanto ser social. É nesta experiência intercorpórea que o mundo sensível tem o seu significado, tanto o mundo sensível natural quanto o artificialmente produzido pelos homens e mulheres: "... uma consciência não saberá encontrar nas coisas senão o que nelas pôs" (MERLEAU-PONTY, 2010, p. 233, grifos do autor).

A educação, mestra do despertar, da reflexão, formadora *da e na* consciência crítica da humanidade, espaço da diversidade social, deveria ser/ter o exercício

criativo como princípio da liberdade cultural. Neste sentido, ampliar a visão de outras realidades epistêmicas da sabedoria em outros tempos para entender e embasar a naturalização do diálogo/discussão das mazelas sociais, podem e são ações pedagógicas circunscritas na formação humanitária da consciência de cada aluno.

Identificar a exclusão social, a propagação do preconceito, do racismo, que emergem, nascem e alimentam a cultura da desigualdade, é ação pedagógica, não é “doutrinação ideológica”, exercício de liberdade, de escolha, democracia no bojo da igualdade.

O canto é uma das formas de nossa ancestralidade estar presente, representa o som da liberdade universal das cosmogonias. A metáfora de ancestralidade pede que sejamos críticos, *sentinelas* de nossas possíveis correntes, pois existem várias formas de prisão. Neste sentido, no panteão das divindades que criaram a humanidade, na religião da Umbanda e do Candomblé, a liberdade é representada por Oxalá, que é como Jesus Cristo se apresenta nas religiões cristãs.

Citamos as simbologias de algumas divindades, não para enfatizar o sobrenatural, ou o fantástico, mas a fim de ter uma visão multifocal das representações das divindades. Neste sentido, Xangô é o guerreiro, Oyó, o justiceiro, buscando o seu reino defender, novamente a ancestralidade está presente, a voz cantada dá vazão ao coração, ao grito de dor engolido a tempo, o canto que exorta/clama a libertação de quem era vendido como carne de mercado, pois ao chegarem em terras brasileiras, estes povos oriundos de África, eram negociados pelos capitães do tráfico humano como se fossem objetos de consumo, vendidos para diferentes senhores de engenhos.

Hoje, os afrodescendentes são os trabalhadores/trabalhadoras ritmados pela harmonia da bateria, que tem suas raízes representadas no ritmo do samba. Neste espaço cultural/educacional em que se canta e dança a metodologia da vida, encontramos o bálsamo, espaço similar de sinergia circular, das casas santas, para enfrentarem as dores de um cotidiano excludente.

Na dança da vida, unem os componentes da dor/amor/paixão/musicalidade, do samba, estendidos na batida do ritmo do coração, da pulsação do sangue avermelhado, na escuta que guia a procura de giras, de paz para enfrentar/denunciar o anúncio do descaso, da indiferença/diferença, do direito humano, do viver a cidadania em vias do combate à desigualdade social.

A letra da música evoca/revive os espaços/tempos míticos, sagrados, dos terreiros, das casas santas, que são extensões destes espaços hierofânicos. Os corpos assumem a carnalidade social, não só da matéria, dos patos da FIESP, mas que transcendem os espaços de outros espaços, outros sentidos/de outros sentidos, despertando a criticidade de outras dimensões, como a da espiritualidade na qual não desaparece nada, só cede hierarquicamente a ocupação de um Orixá, que canta o mito, tamanha profusão hierofânica.

Estes fazeres culturais nos ensinam a troca como pedagogia da vida, que seja justa para todos, sem distinção de raça cor, credo e poder. Existe na música uma simbologia processual mitológica que narra o mito da travessia do mundo dos vivos para o dos mortos, pois aqueles que sobreviviam à dupla travessia, do oceano e da morte, sobreviventes escravizados sofriam na vibração do banzo<sup>5</sup>, que é manifestação espiritual, sendo a ruptura entre homem/natureza com a dualidade do mito da coexistência/continuidade.

O mito do sobrenatural tem sentido de naturalidade vivida, pois perdidos no imenso oceano transcontinental, os africanos acreditavam que os Orixás não os encontrariam pós-morte, para conduzi-los a moradia de seus ancestrais e estariam perdidos pela eternidade. No entanto, a divindade, mãe das águas, Iemanjá os resgatava do fundo do mar, acolhia e os encaminhava para o mundo dos ancestrais, ao condensar este mito para exemplificar, tentamos compreender o sentido de uma invisibilidade que é visível, viva e sustenta a fé. Este mito, verdadeiro para a cultura africana tradicional, explica o sentimento de deslocamento do banzo, do sentido da calunga (travessia) ponto citado na obra.

Compreender que o mundo dos mortos é codependente do mundo dos vivos, exige o desprendimento husserliano, talvez Maurice Merleau-Ponty no auxílio teórico e metodologicamente a entender a dimensão deste fenômeno, coisificado em uma esfericidade, naquilo que incorporamos conscientemente sobre a liberdade. Vejamos o que ele afirma em uma primeira reflexão sobre a liberdade:

---

<sup>5</sup> O despertar muitas vezes da animalidade traz consigo o banzo, sentimento da saudade intrínseca de seu *ser*, uma saudade incompressível, inconsciente que e muitas vezes inexplicável de quem sente. A herança ancestral é permeada por força de imposição ideológica dos valores do colonizador, de dominação, provocando nos filhos da mãe África uma lacuna identitária (depressão), pois nós afrodescendentes, afro-brasileiros já nascemos sobre o regime escravocrata, degenerando os princípios de respeito natureza: ambiental/ humana.

Entretanto, esta primeira reflexão sôbre a liberdade teria como resultado torná-la impossível. Se, com o efeito a liberdade é igual em todas as nossas ações, e até em nossas paixões, se está sem medida comum com a nossa conduta, se o escravo testemunha tanta liberdade ao viver no medo do que ao quebrar seus ferros, não se pode dizer que haja nenhuma *ação livre*, a liberdade está além de todas as ações, em nenhum caso se poderá declarar: “Aqui aparece a liberdade”, pois a ação livre, para ser revelada, deveria destacar-se num fundamento da vida que não o foi ou que o foi menos. Ela está em tôda parte se se quiser, em lugar nenhum. (...) Só há escolha livre se a liberdade se compromete na sua decisão e coloca a situação que ela escolhe como situação de liberdade (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 439 e 440)

Instaura-se o ubuntu polifônico entre mortos/vivos, estes dialogam entre duas dimensões, coisificação dimensio(nacional) conduzida pelo portal da música. Na descrição do samba-enredo o espaço do imaginário é real, o conjunto da obra o torna corpóreo pelo canto de liberdade, da melodia, do ritmo, da divisão sonora dos atabaques, cuícas, e reco-recos, que ecoam uma liberdade paradoxal. Ao som do choro do bandolim, confundem-se o lamento, o grito, o clamor de esperança e liberdade, nesta macumba de vivências, o banzo e a pemba africana são manifestações, raízes melódicas de africanidade de vidas que se encontram por meio do canto da melodia.

## **Reflexões Finais**

Por meio da musicalidade, descreve-se a relação da terra e do ser africano/humano, entende-se o poder da história, que pode se fazer presente pelo enterro do esquecimento social, ou pelo descortinar da vida humana dos oprimidos. Vida humanas dos trabalhadores a quem não foi permitido fazer escolhas, por sequestro da liberdade. Em terras brasileiras a identificação afro/indígena foi destruída e substituída pela condição de escravização, o que, neste caso, comprometeu e desqualificou a estima identitária, o valor hierárquico foi desconstruído com o esquecimento e apagamento de nossas raízes.

A voz do canto denuncia os fatos atuais, a falta de oportunidades para os trabalhadores, a corrupção em todos os níveis sociais e institucionais, o vampiro de Brasília, a mídia manipuladora, mazelas sociais a serem desconstruídas pela educação, pelo exercício da dignidade humana, cidadã, pelo direito à diferença. Enfatiza-se a morte, pois neste arquétipo social-ancestral de sobrevivência, vivem

giras, por meio do sentido das pombas, riscam e traçam caminhos por uma escuta de ré maior, sonoridade de artefatos sensitivos que são ouvidos, apreciados.

## Referências

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BENITES e RAMOS,) REA | Nº 4 | julho - Dossier 'Etnologia indígena' **O Caminho Guarani e Kaiowá na busca do jeito sagrado de ser – Oguata teko Araguayje rehehápe**. ISSN: 2387-1555 | [www.iiacyl.com/rea](http://www.iiacyl.com/rea) | Indexada em Latindex p.33. 2017.

BRADEM, G. **Código de Isaías**. Matriz Divina é a origem das estrelas, das rochas, do DNA e de tudo que existe, provado pela física quântica. In: [www.semprequestione.com](http://www.semprequestione.com) , acesso em agosto, 2017.

BRANDÃO, Carlos, R. **História do menino que lia o Mundo**. São Paulo. Editora: Expressão Popular, 2014.

CARELLI, V. CARVALHO, Ernesto de, AOKI, C. AOKI, M. M. BENITES, T. Documentário: **Martírio** <https://www.cartacapital.com.br/cultura/martirio-um-filme-para-indignar-brasilia> , acesso em maio de 2016.

CERTEAU, M. **A História da Escrita**. Rio de Janeiro. ed. Forense,2010.

CHOMSKY, Noam. **MÍDIA: Propaganda política e manipulação** São Paulo: Editora Martins Fontes,2013.

ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Ed Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**, Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra,1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

G.R.E.S Paraíso do Tuiuti. *Enredo*. **Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta A Escravidão?** Rio de Janeiro, 2018.

HALL, S. **A questão da identidade cultural**. 3. IFCH/UNICAMP, no. 18, junho de 2005.

MERLEAU-PONTY, M. M. A. **A Fenomenologia da Percepção**. Rio de Janeiro: Ed. Gallimard, 1971.

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. Tradutores: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo. Cosac Naify: ISBN 978-85-405-0354-0, 2010.

PASSOS, L.A. **O Eu e o Outro na Escola: Contribuição para Incluir a História e a Cultura Indígena na História.org.** BELENI. Cuiabá: Editora. EDUFMT, 2010.

SAID, Eduard. **Orientalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula. **Epistemologia do Sul.** São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Boaventura de Sousa (Org.). **Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

STRECK R.D, REDIN.E, ZITKOSKI.J.J, **Dicionário Paulo Freire,** Ed: Autêntica 2008.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.